

Anna Claudia Ramos

O ESCURO  
QUE MORA  
DENTRO DO  
ESCURO

ilustrações Vanessa Prezoto

2ª edição, 2022



texto © Anna Claudia Ramos  
ilustração © Vanessa Prezoto

Diretor editorial  
*Marcelo Duarte*

Projeto gráfico, diagramação e capa  
*Vanessa Prezoto*

Diretora comercial  
*Patth Pachas*

Revisão  
*Ana Maria Latgé*  
*Tássia Carvalho*

Diretora de projetos especiais  
*Tatiana Fulas*

Coordenadora editorial  
*Vanessa Sayuri Sawada*

Assistentes editoriais  
*Olivia Tavares*  
*Camila Martins*

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Ramos, Anna Claudia  
O escuro que mora dentro do escuro / Anna Claudia Ramos; ilustração  
Vanessa Prezoto – 2. ed. – São Paulo: Rakun, 2022. 96 pp. il.

ISBN 978-65-88515-11-2 (estudante)  
ISBN 978-65-88515-09-9 (professor)

1. Ficção. 2. Literatura infantil brasileira. I. Prezoto, Vanessa. II. Título.

18-52493

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(81)

Bibliotecária: Meri Gleice R. de Souza – CRB-7/6439

Todos os direitos reservados à  
Editora Rakun e Serviços de Texto Ltda.  
Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 43  
05413-010 – São Paulo – SP  
Tel./Fax: (11) 3088-8444  
edoriginal@pandabooks.com.br

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Rakun e Serviços de Texto Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Para Guilherme, que durante a Feira do Livro de  
Porto Alegre de 2014 me disse que tinha medo  
do escuro que mora dentro do escuro.

E para Ana Paula e Maura, pela ajuda primorosa.

# SUMÁRIO

6 Paulo e seus medos

12 As lembranças de Pedro

18 O encontro

24 Como tudo começou

36 Desvendando o escuro

44 Desvendando sensações

52 Os dias divididos: Pedro

58 Os dias divididos: Paulo

62 Uma quase despedida

70 A casa

78 Das boas surpresas da vida

84 Depois do escuro

92 Curiosidades da obra



PAULO  
E SEUS MEDOS



**P**or que eu sou tão medroso? Não queria ser, mas não consigo perder esse medo imenso que sinto do escuro que mora dentro do escuro. Só de pensar nisso me dá vontade de chorar, porque fico imaginando que não existe nada além daquela escuridão. Aí fico com muito medo. Meu pai diz que isso é bobagem, que não existe nada além do escuro, mas eu não penso assim. Acho que existe algo que não sabemos o que é. Fico pensando nisso o tempo todo. Por isso me escondo aqui entre as pedras no final da praia. Adoro este lugar. É muito bom sentir esse vento forte. Fico pedindo pro vento levar meus medos embora. Se eu contar isso pros meus irmãos, eles

vão rir de mim. Tenho certeza de que vão dizer que eu pareço um maluco.

Acho que nasci no lugar errado, na família errada. Sou tão diferente dos meus irmãos e do meu pai. Minha mãe tenta me proteger, eu sei, mas no fundo penso que ela gostaria que eu fosse igual ao meu pai, um pescador forte e corajoso.

Eu gosto do mar, mas não quero ser pescador, prefiro ficar vendo as ondas, a mudança da cor das águas de acordo com o tempo. Coisa mais linda ver o mar mudar de cor. Também gosto de vir aqui nas pedras ver o pôr do sol e sentir o vento no rosto. Adoro ficar de olhos fechados sentindo a força do vento na minha pele.

Ontem, antes de dormir, fiz a besteira de contar isso pro meu irmão mais velho. Ele me disse que essa história de sentimento é coisa de quem não tem o que fazer. Que o pai é muito mole comigo, que não me põe pra trabalhar logo no mar pra acabar de vez com essas bobagens, como ele gosta tanto de falar.

Passei a noite inteira chorando baixinho, pedindo ao vento pra mudar a minha história. Depois,



eu mesmo fiquei me achando um bobo por ter feito esse pedido. Mas eu não penso como meu irmão. Eu acredito em sentimentos e acho que posso ser um pescador de sentimentos e não um pescador de peixes.

Pensei isso de pescar sentimentos porque outro dia, na escola, a professora leu uma poesia que falava de um menino que carregava água na peneira, que era poeta e seria amado por seus despropósitos. Fiquei muito ligado naquela poesia, sabe? Fiquei me achando que nem o menino do livro, cheio de despropósitos. Só não sei se por aqui vão me amar por isso. Acho que não.

Pedi o livro emprestado pra professora e li escondido debaixo das cobertas pros meus irmãos não pegarem no meu pé. Senão, iam dizer que esse papo de poesia é coisa de menina, porque eles ainda não entendem que meninos também podem

sentir as palavras, o vento e ter medos. Até do escuro que mora dentro do escuro.

Ainda bem que lá na escola tem uma biblioteca com uns livros legais que chegaram no ano passado. Na hora do recreio, eu me escondo lá e fico lendo livros de poesia.

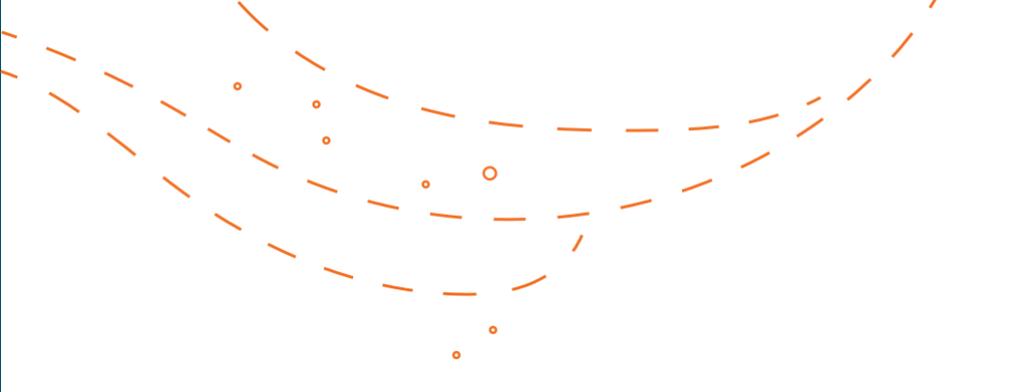
Mas agora, pensando nisso tudo, fiquei com uma dúvida: será que poetas sentem medo? Acho que sim, né?

Acho que sem medo e sem dúvidas eles não escreveriam tanta coisa bonita. Legal! Só de pensar nisso fiquei feliz!

Exemplar para divulgação

The book cover features a dark teal background. At the top, a starry night sky is depicted with various star shapes and sizes. A large, faint, dashed white circle is centered on the page, framing the title. The title 'AS LEMBRANÇAS DE PEDRO' is written in a stylized, orange, hand-drawn font. Below the title, there are several small white circles and a few white leaf-like shapes. At the bottom of the cover, there are stylized white waves. A faint watermark 'Exemplar para divulgação' is visible diagonally across the middle of the cover.

AS LEMBRANÇAS  
DE PEDRO



**H**á quanto tempo eu não pisava nesta praia... Como é bom sentir a areia úmida e o vento no rosto, como eu fazia quando menino. Nunca imaginei que um dia viria aqui com você, Lys. Muito menos que sentiria tanta saudade daqui, o lugar onde nasci. Aliás, passei anos achando este lugar o pior do mundo. Hoje olho pra ele com ternura e amor. Afinal, foi aqui que morei vários anos, alguns bem difíceis. Mas também foi aqui que tudo começou a mudar.

Neste balneário estão minhas raízes. Pode parecer bobagem isso, mas não é. Esse papo de saber onde estão nossas raízes é forte. É bonito. E ainda bem que aqui continua a ser um recanto de paz, sem violência. As pessoas podem viver sem

aquelas preocupações das cidades grandes. Praticamente todo mundo se fala, se cumprimenta, as janelas ficam abertas durante o dia e as crianças podem andar sozinhas sem medo de assaltos. Bem diferente de onde moramos.

E sabe que eu adorava me esconder entre estas pedras? Mas só comecei a fazer isso depois da chegada da tia Julia na minha vida, porque antes eu tinha muito medo de tudo. Do escuro, de cair das pedras, do vento. O vento me assustava demais. Ele parecia tocar uma música assustadora. Tinha medo que algo me pegasse, sabe? Era tudo muito difícil pra mim.

Eu era louco pra estudar e aprender a ler, mas meu pai vivia dizendo que aqui não tinha escola pra mim, que era melhor eu me conformar e ficar em casa. Bem que tentamos uma escola, mas não deu muito certo. Ainda bem que a tia Julia chegou e começou a me ensinar a enxergar a vida de um jeito que nunca imaginei que seria possível.

Até hoje me lembro da minha tia me ensinando a escrever meu nome na areia, antes mesmo de eu

ir pra escola lá na cidade onde ela morava. Era tão bom correr de mãos dadas ao seu lado, inventar histórias pra espantar o medo, fazer fogueiras em noite de lua cheia com ela me descrevendo o céu e cada estrela que havia ali. Eu sentia o vento e era capaz de imaginar as nuvens se mexendo. Mas o melhor mesmo era subir nas pedras no fim de tarde pra sentir o quentinho do sol se pondo. Nas pedras, o vento sempre chegava pra nos contar histórias. Quantas vezes vinham no vento, das pessoas que estavam ao nosso redor!

É gostoso sentir o sol se pondo! Mas agora vamos voltar pra casa. Quero conhecer meus sobrinhos, os filhos da minha irmã que ainda mora por aqui. Eles devem estar chegando da escola e não me conhecem pessoalmente, só por fotos. Lembra que mandei fotos da gente passeando na beira da lagoa?



Será que eles vão me achar maluco porque eu conversei com você, Lys? Acho que não, né? Crianças entendem bem dessas coisas de falar com o invisível.



# O ENCONTRO

Exemplar para divulgação



**E**stou ouvindo um choro. Você também tá escutando, Lys? Parece choro de criança. De onde será que vem? Acho que vem detrás daquelas pedras.

Vamos lá! Sei bem o que é chorar sozinho nesta praia.

– Oi! Desculpa, mas ouvi seu choro. Será que eu posso ajudar em alguma coisa?

– ...

– Hum... Não quer conversar? Tudo bem. Mas posso me sentar ao seu lado? Este era meu lugar preferido aqui na praia, quando eu era menino.

– Pode, mas promete que não vai contar pro meu pai que eu estava chorando? Se ele souber vai brigar comigo. Ele vive dizendo que homem não chora.

– Não se preocupe. Nem sei se conheço seu pai.  
– Ele é pescador aqui.  
– Faz tempo que fui embora. Acho que não conheço mais os pescadores.

– Posso perguntar uma coisa?

– Claro, pode, se eu souber responder...

– Você já chorou?

– Se eu já chorei? Nossa! Perdi a conta das vezes que chorei aqui, sozinho, sentado neste mesmo lugar. Quando sentia medo, vinha pra cá.

– E seu pai não brigava com você?

– Porque eu chorava?

– É.

– Não. Meu pai não tinha tempo pra mim. Ele era pescador, como o seu. Mas eu sou o filho mais novo de nove irmãos. Ele trabalhava muito, sabe?

– Eu também tenho muitos irmãos, mas meu pai diz que eu sou o único medroso. Diz que não entende filho de pescador ter medo de mar, mas eu tenho. Tenho um monte de medos.

– Não se preocupe, eu também tinha. Mas sabe? O meu maior medo era do escuro que morava dentro do escuro.

– Sabe que esse também é o meu maior medo?  
– Sério? Que engraçado, né? Mas ninguém entendia como eu podia ter medo do escuro.

– Engraçado que ninguém entende esse meu medo também. Dizem que o escuro já é escuro e que não existe nada além dele.

– Não é verdade! Existem muitas coisas boas que moram no escuro.

– Você ainda tem esse medo?

– Não, não tenho mais.

– Será que é porque você é adulto?

– Não sei. Acho que não.

– E como você fez pra perder esse medo?

– Ah! É uma longa história. Se quiser ouvir, conto pra você.

– Eu quero. Conta!

– Tudo começou quando a minha tia, que morava muito longe daqui, precisou passar um tempo na minha casa. Ela chegou num verão e nunca mais minha vida foi a mesma.

– Como assim?

– É que ela me fez enxergar a vida.

– Não entendi isso de enxergar a vida.



– Como eu disse, quando eu era menino tinha muito medo do escuro, apesar das pessoas não entenderem por quê. Mas também tinha medo dos monstros que poderiam me engolir. E um medo gigante do vento. Pra mim, o escuro era sempre um lugar frio que me deixava todo arrepiado. Mas com a chegada da minha tia, a minha vida mudou completamente.

– Ih! Meu pai tá me chamando. Quando ele sai pra me procurar é porque desconfia que estou aqui me escondendo de tudo. Preciso ir. Você volta amanhã? Quero saber como você fez pra perder esse medo.

– Posso voltar, se quiser. Vou gostar de contar minha história pra você.



– Então, até amanhã. Pode ser assim, no fim da tarde? Que nem agora?

– Pode. Mas qual é o seu nome? Você ainda não me disse como se chama.

– Paulo.

– Ah, que legal! Meu nome também começa com a letra P, mas me chamo Pedro. Até amanhã, Paulo.

– Tchau, Pedro. Não conte pra ninguém que eu estava chorando, tá?

– Combinado. Não conto.

Nossa, Lys, acho que o Paulo estava mesmo precisando desabafar. Ele nem reparou você aqui, ao meu lado. Vou gostar de contar minha história pra ele. Se puder ajudá-lo a perder alguns medos, ficarei feliz.



COMO TUDO  
COMEÇOU

Exemplar para divulgação



— Oi, Pedro! Estava louco pra chegar a hora de vir aqui ouvir a sua história. Preciso saber como você fez pra perder o medo do escuro que mora dentro do escuro.

— Bem, vamos lá. Senta que lá vem história! Ouvi isso uma vez e adorei.

— Já estou sentado, Pedro. Pode começar. Sou bom em ouvir. Meu pai tem mania de dizer que menino medroso como eu fala pouco e escuta muito, por isso fica com medo de tudo, mas não é verdade.

— Não, não é. Poucas pessoas sabem ouvir.

— Meu pai não sabe me ouvir.

— Entendo. Mas vamos lá que a história é lon-

ga. Durou quase um ano, que foi o tempo que a minha tia passou aqui, quando eu tinha 11 anos.

– Ah! Que legal, eu tenho 11 anos. Engraçado, né?

– É mesmo, uma baita coincidência, Paulo!

– Achei legal!

– Bem, tudo começou no verão que a tia Julia se mudou pra minha casa. Meus pais nunca explicaram o motivo que trouxe a minha tia de longe. Disseram apenas que ela precisaria ficar com a gente por uns tempos. Aí, pensei: uma a mais, uma a menos não vai fazer a menor diferença mesmo, já somos tantos nessa casa. Só que eu estava enganado.

Aquela uma a mais fez toda a diferença na minha vida.

– Por quê?

– Porque antes da tia Julia chegar eu vivia muito sozinho. Ninguém me entendia muito bem. Meus pais não sabiam o que fazer comigo.

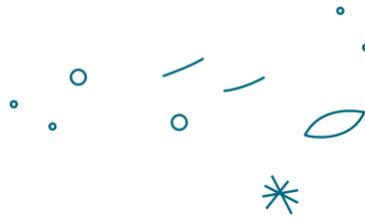
Como eu sou o mais novo, tinha um monte de irmãos que cuidavam de mim, mas na verdade ninguém sabia bem como fazer. O pai falava que um menino como eu não precisava estudar, porque não tinha futuro. Coitado! Acho que ele não sabia que eu também podia estudar. Afinal, eram tantos filhos, tantos problemas pra administrar!

– Acho que seu pai se parece bastante com o meu, Pedro, que vive dizendo que eu não tenho muito futuro.

– É. Talvez nossos pais se pareçam, de uma forma ou de outra.

– É, talvez... mas não quero falar disso, me conta da tia Julia!

– Quando a tia Julia chegou, a gente se ligou na mesma hora, desde a primeira vez que ela me abraçou. Ela já chegou desarrumando meu mundo. De cara, me convidou pra passear e caminhar até as pedras do final da praia, bem aqui onde estamos agora. Mas só consegui dizer: “Não quero ir não, tia. Eu tenho medo de cair, de tropeçar, de me machucar”. E ela me respondeu que isso poderia acontecer comigo até dentro de casa. Só



que dentro de casa eu estava acostumado, sabia onde ficava cada móvel. Aí, eu disse que achava o fim da praia meio longe e que lá ventava muito. Ainda sou capaz de ouvir a voz da minha tia me perguntando se eu tinha medo do vento e eu respondendo que tinha, porque o vento me assustava. Claro que ela quis saber por que eu tinha tanto medo. Só consegui dizer que achava o vento gelado, que ele parecia tocar uma música assustadora e tinha pavor que ele me levasse embora, voando. E sabe o que ela me respondeu, Paulo?

– Não faço ideia, Pedro!

– Ela falou assim: “Não fale bobagens, Pedro. Você nem é tão franzino pra voar com o vento. E a música assustadora pode não ser assustadora. Basta você aprender a ouvir o vento de um jeito novo”. Claro que eu quis que ela me explicasse

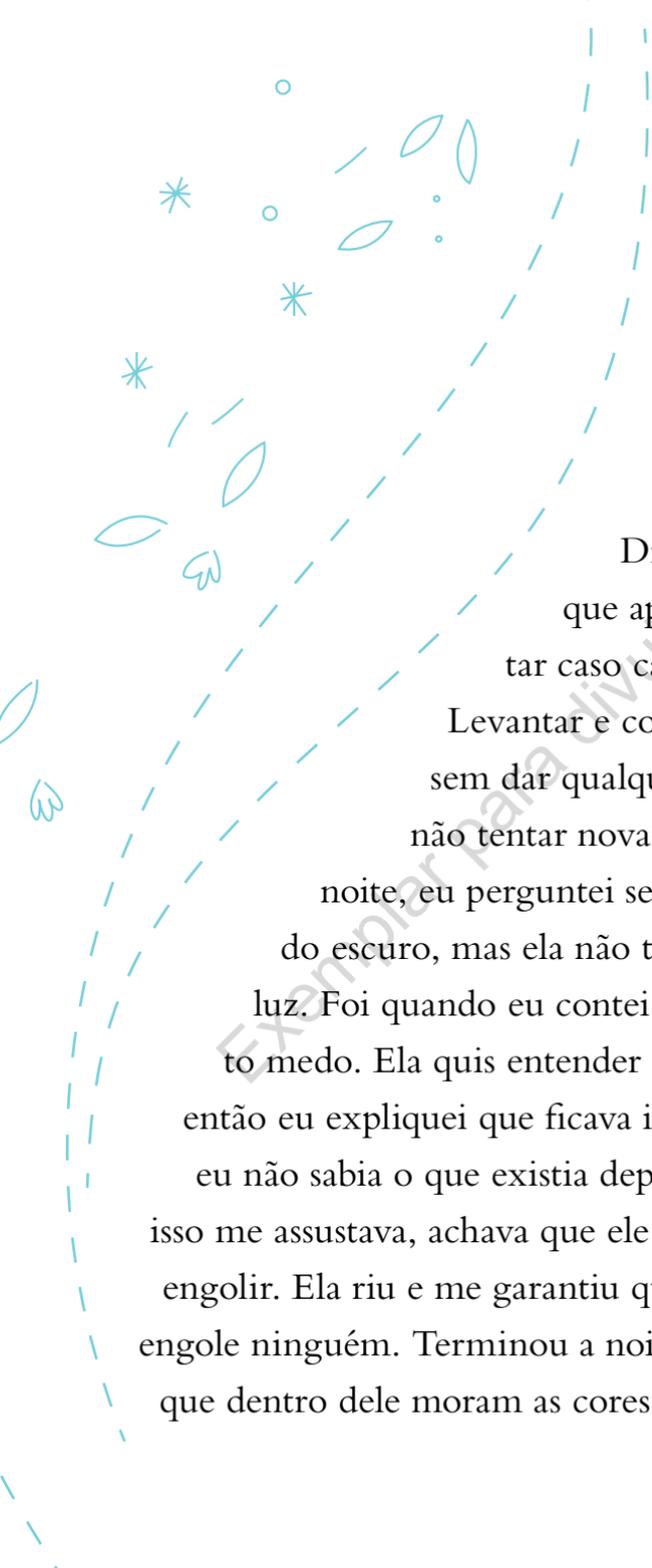


Exemplar para divulgação

se dava pra aprender isso. E a tia Julia disse que a gente pode aprender tudo na vida, basta querer. Foi quando eu falei que queria aprender a ler e ela ficou assustada, porque descobriu que eu havia tentado estudar, mas que não tinha dado muito certo e o pai achou melhor eu ficar em casa ajudando a mãe. Ela achou aquilo um absurdo: “Onde já se viu um menino da sua idade ficar sem estudar!”. Mas meu pai vivia me dizendo que aqui, no balneário, não tinha escola pra mim, que era melhor eu me conformar e ficar em casa. A tia Julia não concordava nem um pouco com aquela ideia e resolveu ter uma conversa com meus pais. Morri de medo do pai ficar bravo e acabar descontando em mim.

– Ih, Pedro, sei como é esse papo de pai descontar a raiva na gente. Não gosto nem de pensar nisso... Mas como foi a conversa? Seu pai ficou bravo?

– Se ele ficou bravo eu não sei, Paulo, porque a única coisa que a tia Julia me disse foi que meu pai não tinha o direito de me deixar sem estudar e que ela sabia como conversar com ele. Falou ainda



que estava  
mais do  
que na hora  
de eu per-  
der o medo  
do vento e de  
andar sozinho.

Disse que eu teria  
que aprender a levan-  
tar caso caísse nas pedras.

Levantar e começar de novo,  
sem dar qualquer desculpa pra  
não tentar novamente. Naquela  
noite, eu perguntei se ela tinha medo  
do escuro, mas ela não tinha e apagou a  
luz. Foi quando eu contei que tinha mui-  
to medo. Ela quis entender esse meu medo,  
então eu expliquei que ficava inseguro porque  
eu não sabia o que existia depois do escuro, e  
isso me assustava, achava que ele conseguiria me  
engolir. Ela riu e me garantiu que o escuro não  
engole ninguém. Terminou a noite me contando  
que dentro dele moram as cores, o som do mar,





o cheiro das pessoas, a música, o canto dos passarinhos, a nossa voz, um abraço quentinho. Claro que eu quis saber como ela conseguia enxergar tudo aquilo no escuro. E sabe o que ela me respondeu, Paulo? Que basta sentir. Não pensei duas vezes e pedi pra ela me ensinar a sentir.

– E ela te ensinou?

– Sim, e foi a coisa mais linda que me aconteceu quando era menino.

– Então me conta mais sobre esse papo de sentir, Pedro, por favor, também quero aprender a sentir e a perder medos.

– Claro, Paulo, todos nós podemos aprender, sempre. Aprender a usar melhor os nossos sentidos e o nosso corpo na relação com o mundo, como a tia Julia me ensinou.

– Queria tanto ter conhecido a sua tia...

– Você iria gostar, mas agora ela mora muito longe, lá na Espanha.

– Ah! Que pena, Pedro.

– Mas naquela manhã, quando eu tinha 11 anos, ela me acordou dizendo que o sol já tinha se levantado e que o dia não estava com preguiça.

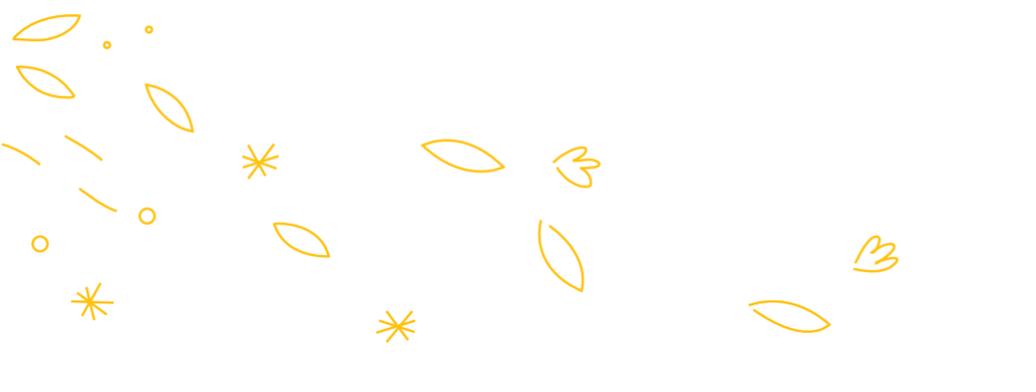
Eu me agarrei no travesseiro e disse que não iria a lugar algum. Ela soltou as minhas mãos do travesseiro e me deu um abraço bem gostoso, depois falou que eu não precisava me preocupar, porque ela estava comigo e não deixaria eu me machucar. Ela iria me ensinar de uma vez por todas a ser independente. Lembro que pedi assim: “Promete?”. E ela respondeu: “Prometo!”. E prometeu também que iria achar uma escola onde eu pudesse estudar e aprender tudo, pra eu poder me virar sozinho. Disse que, nem que eu tivesse que ir morar com ela lá na cidade, eu iria aprender a ler e perder esse medo de escuro de vez. E naquele dia, aqui nesta mesma praia, a minha tia me ensinou muitas coisas.

- Que coisas?
- Hum... acabei de ter uma ideia.
- Que ideia, Pedro?
- Não vai dar tempo de fazer hoje porque já vai escurecer. Podemos continuar amanhã?
- Podemos.
- Então, até amanhã, Paulo!
- Até! No mesmo horário.



DESVENDANDO  
O ESCURO

Exemplar para divulgação



— Vamos lá! Pronto, Paulo?

— Prontíssimo! Pode começar a brincadeira.

— Por que você tem medo do escuro que mora no escuro?

— Promete que não vai rir nem contar pra ninguém, Pedro?

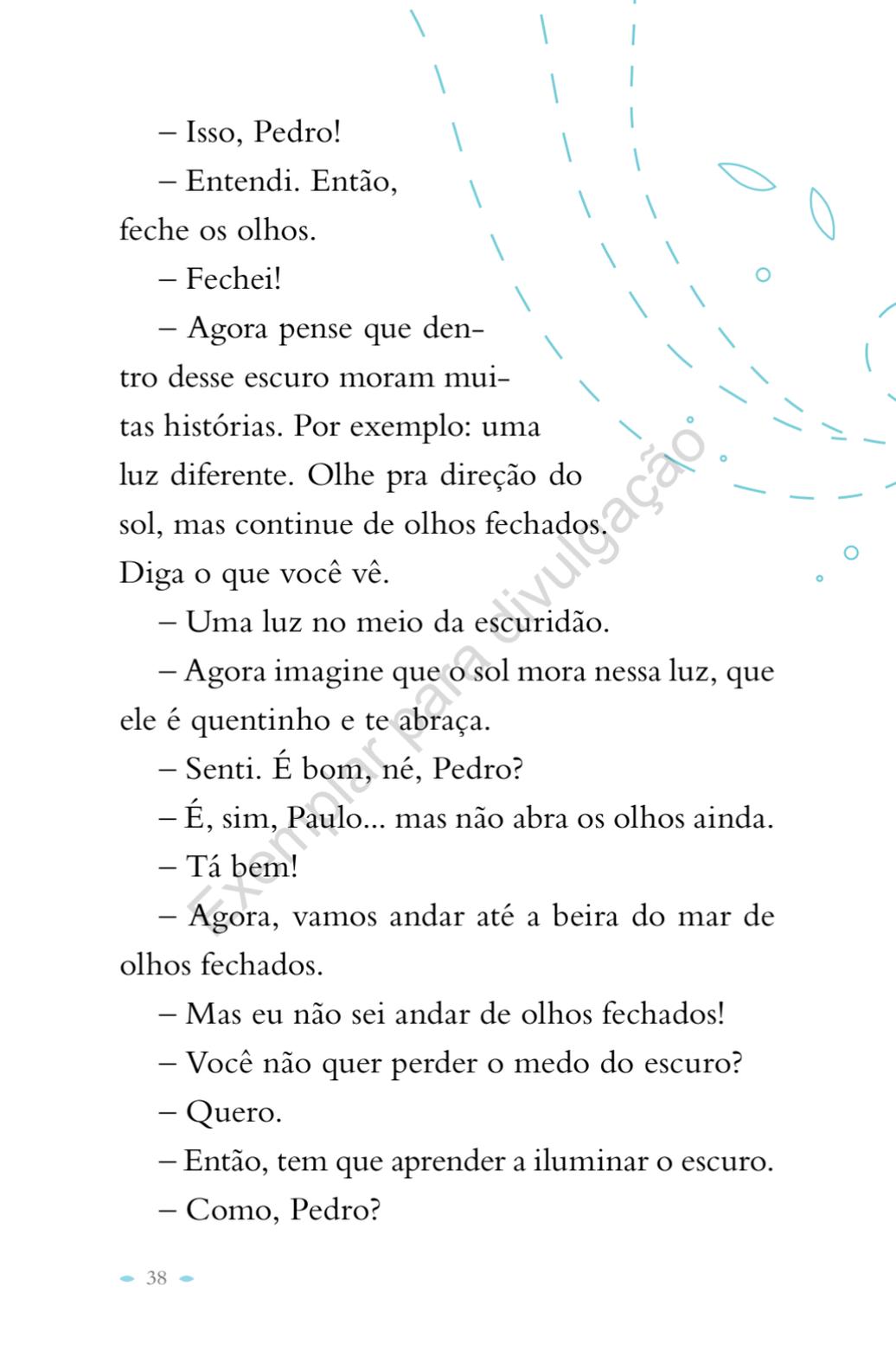
— Prometo!

— Tenho medo que apareça alguma coisa que vá me pegar.

— Hum... então você tem medo do desconhecido?

— Como assim?

— Medo daquilo que você não conhece e acha que pode acontecer.

- 
- Isso, Pedro!
- Entendi. Então, feche os olhos.
- Fechei!
- Agora pense que dentro desse escuro moram muitas histórias. Por exemplo: uma luz diferente. Olhe pra direção do sol, mas continue de olhos fechados. Diga o que você vê.
- Uma luz no meio da escuridão.
- Agora imagine que o sol mora nessa luz, que ele é quentinho e te abraça.
- Senti. É bom, né, Pedro?
- É, sim, Paulo... mas não abra os olhos ainda.
- Tá bem!
- Agora, vamos andar até a beira do mar de olhos fechados.
- Mas eu não sei andar de olhos fechados!
- Você não quer perder o medo do escuro?
- Quero.
- Então, tem que aprender a iluminar o escuro.
- Como, Pedro?

– Descobrindo que o escuro pode ter cores e sabores.

– Como você descobriu isso?

– Aprendi essa mágica com a minha tia.

– Então me ensina.

– Estou tentando. Está sentindo as ondas tocarem seus pés?

– Estou.

– E como está a água?

– Gelada, muito gelada.

– E o mar? Está calmo ou agitado?

– Como posso saber, se estou de olhos fechados?

– Escute o mar e descubra. Sinta as ondas em seus pés.

– Acho que tá calmo. As ondas estão bem fraquinhas.

– Isso. Muito bem. Está indo bem.

– Mas e se o mar virar e ficar forte de repente?

– Ele nunca fica forte de repente. O vento nos avisa.

– Você também aprendeu a sentir o vento?

– Sim, e vou te ensinar a ouvir o vento. Ele só nos amedronta quando não sabemos ouvi-lo ou achamos que ele é assustador.

– Mas este vento aqui é forte e frio.

– É da natureza do vento ventar, Paulo. Se aprendermos a ouvir seu canto, saberemos o que ele quer nos dizer. Agora, por exemplo, com a proximidade do fim da tarde, ele está suave. Não vai chover. Teremos uma noite de lua crescente. Ouça.

– Engraçado. Assim, de olhos fechados, e com você me ajudando, o vento traz uma paz. Eu gosto deste vento, mas às vezes ele me assusta com seu canto. Parece um choro vindo de longe.

– Verdade, Paulo, eu também pensava assim. Vamos nos sentar. Continue assim, de olhos fechados, só sentindo o vento fresquinho em seu rosto.